

SERRAS DE XISTO DA CORDILHEIRA CENTRAL

Maria Beatriz Marques

Ciência da Informação

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal)

ORCID 0000-0002-0088-0429 beatrizmarques35@gmail.com

199

Gostaria de começar por agradecer o convite para apresentar esta obra, o qual muito me honra, e afirmar o prazer que tive ao longo da sua leitura, apesar de ter de sair da minha zona de conforto e trilhar caminhos desconhecidos, ou, no máximo, muito pouco conhecidos...

Confesso que ao longo do meu percurso escolar, a geografia sempre foi uma área absolutamente desinteressante pois durante os 5 anos em que tive esta disciplina (do 5.º ao 9.º Ano do Ensino Básico), os conteúdos programáticos ministrados foram sempre, para além de repetitivos - estudo da fauna e da flora -, muito pouco adequados a uma faixa etária (dos 10 aos 15 anos) à qual eram estranhos todos os domínios de natureza “especulativa”.

Também durante o meu percurso universitário na FLUP, a Geografia era “um curso mal-amado” ou, pelo menos, desenquadrado das restantes áreas científicas existentes. “Acantonados” num corredor do 1.º andar da Faculdade, eram raros os alunos e professores que interagiam com os restantes membros da comunidade académica. Tão distantes e tão ausentes da vida universitária ao ponto de nem possuírem o hábito mundano e corriqueiro de irem ao bar da faculdade - o espaço privilegiado de socialização - tomar um café.

Quis o destino que, quando iniciei a minha vida académica na FLUC, há mais de 20 anos, as minhas primeiras amizades se circunscrevessem a um núcleo de colegas de Geografia, as quais, ao longo de mais de duas décadas, se foram aprofundando e diversificando ao ponto de ser vulgarmente identificadas, por diversos colegas de outras faculdades, como Professora do Departamento de Geografia.

Foi assim que comecei a aprender o que era a Geografia Física, a Geografia Humana, o estudo da Pedologia, das Migrações, etc., etc., etc., e comecei a perceber que a Geografia é uma área científica muito abrangente e com implicações diretas e indiretas nos vários habitats e objetos de estudo do Ser Humano - geografia de Portugal, geografia do cinema, geografia do direito, geografia do turismo, geografia da informação,...

Rapidamente me apercebi que a inter e transversalidade da investigação científica nos unia substancialmente e que o seu sucesso implicava uma visão holística e sistémica do homem e da natureza, assente na busca de equilíbrios e na partilha de conhecimentos, que conduzisse ao desenvolvimento sustentável de todos os seres vivos.

Este relato sucinto do meu percurso na descoberta da Geografia, permite-me enquadrar a responsabilidade de fazer a apresentação desta obra, dada à estampa pela IUC, e que constitui um marco referencial no estudo das SERRAS DE XISTO DA CORDILHEIRA CENTRAL (fig. 1), permitindo o conhecimento geomorfológico e geocológico de uma superfície com uma extensão de c. de 4.500 km².

Assim, e antes de penetrar na estrutura e no conteúdo desta obra, cabe-me realçar a pertinência e a atualidade da temática abordada e manifestar a minha profunda tristeza pelo facto de a investigação científica em Portugal ser pouco “ouvida” ou relevada pelo poder político, nomeadamente no que a esta obra concerne e que diz respeito ao seu carácter visionário e pioneiro.

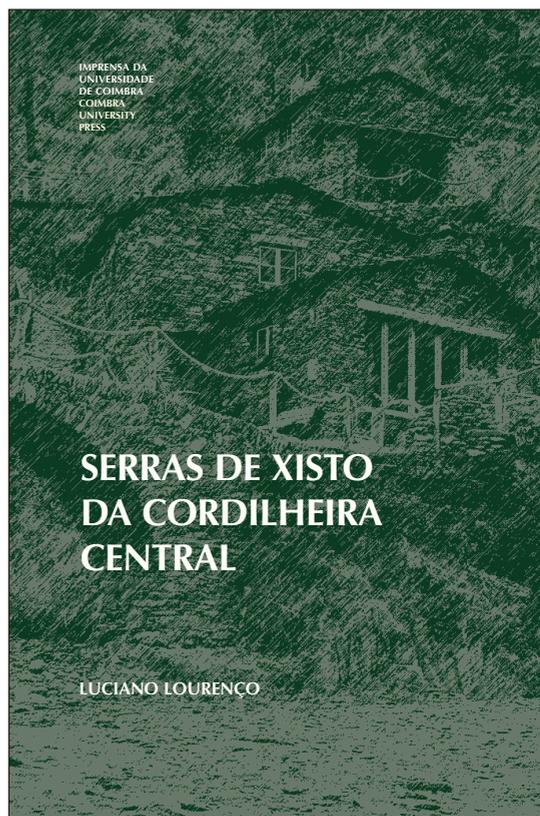


Fig. 1 - Frontispício do livro "Serras de Xisto da Cordilheira Central".

Fig. 1 - Frontispiece of the book "Schist Mountains of the Central Range".

Verificamos que, volvidos exatamente 22 anos sobre a apresentação à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desta Dissertação de Doutoramento em Geografia Física - Julho de 1996 - e defesa - 23 de Janeiro de 1997, a qual foi aprovada com distinção e louvor por unanimidade, as palavras do investigador e Professor Catedrático da FLUC Luciano Fernandes Lourenço, ainda não surtiram o eco devido e merecido.

Acresce que esta falta de reconhecimento da investigação e do saber criado na Universidade, pela comunidade em geral e, em particular, pelos órgãos decisores do poder político local e nacional, pode conduzir, como se verifica através desta Tese de Doutoramento, a situações de catástrofe - como por exemplo os incêndios florestais que deflagraram na zona abrangida por esta investigação num passado muito recente, Serras de Xisto da Cordilheira Central, e que ficarão para sempre na nossa memória individual e coletiva - os quais, que ceifaram mais de uma centena de vidas humanas, podiam, eventualmente, ter sido evitados.

Já em janeiro de 1997, Luciano Fernandes Lourenço afirmava, e passo a citar:

“[...] procurámos investigar aspetos geomorfológicos suscetíveis de terem aplicação prática, em especial aqueles que estão mais associados à evolução atual das vertentes, sobretudo na sequência de bruscas modificações no seu equilíbrio dinâmico, produzidas quer por intervenção antrópica, quer em resultado de fenómenos naturais mais ou menos violentos. Um destes fenómenos que, nos dois últimos decénios, ganhou particular importância nas Serras de Xisto, tanto pela frequência como pela intensidade, diz respeito aos incêndios florestais. De facto, não só a imolação da vegetação pelo fogo e, como consequência, a falta de proteção do solo contra os agentes externos, mas também a posterior mobilização superficial dos solos para rearboreização, têm interferido muito significativamente na evolução atual das vertentes, pelo que decidimos proceder à análise concreta de algumas dessas situações [...] podendo ajudar a prever e a prevenir ou corrigir situações que, num futuro próximo, poderão vir a revelar-se catastróficas, em termos de equilíbrio do suporte físico, se, entretanto, nada for feito para as evitar” (p. 43-44).

Ora, constatamos que o alerta feito há mais de 20 anos atrás foi absolutamente ignorado, pelo que, e apesar da falta de atualização do texto inicial, nomeadamente no que diz respeito à nomenclatura orgânica, a publicação deste trabalho, tal como do texto das provas de agregação do seu autor, realizadas em Fevereiro de 2008, é e será de um valor inestimável e de uma pertinência e atualidade marcadamente reconhecida, e que irá acrescentar

uma elevada mais-valia aos “106 artigos em revistas especializadas, 70 trabalhos em actas de eventos, 76 capítulos de livros e 70 livros publicados” (Dados obtidos a partir da Plataforma DeGóis - In: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7024430868109802>).

Assim, este texto, de 666 páginas, começa com uma singela, mas significativa, homenagem do autor aos seus pais, que, nas suas palavras são recordados, e passo a citar, “*como bons paradigmas dos beirões-serranos, que na sua terra labutaram tenazmente por uma vida melhor e que, na procura dos necessários proventos, calcorream vezes sem conta os carreiros das serras, que tão bem conheciam*”. Esta memória, para além de demonstrar o caráter do autor, ilustra um conhecimento profundo da região onde nasceu e viveu e que constituiu o seu objeto de estudo - Serras de Xisto - que, à época, era “*uma área praticamente desconhecida da maioria dos geomorfólogos*” (p. 38).

De acordo com as palavras do seu orientador de tese e nosso saudoso reitor, colega e amigo, Professor Doutor Fernando Rebelo, escritas no prefácio a esta obra, com data de 15 de fevereiro de 2013, as quais passo a citar - “*E tudo isto resultava de uma grande admiração pelas paisagens serranas e de um enorme respeito pelas problemáticas que nelas se escondiam*”.

Esta curiosidade e amor do autor, expressos na p. 38 desta obra, pela Geografia Física, remonta ao seu “primeiro trabalho, apresentado como relatório final do Seminário de Geografia Física da Licenciatura em Geografia da FLUC, que teve por objetivo a caracterização da - *Bacia hidrográfica do rio Alva a montante da Ponte das Três Entradas*”, tem os seus desenvolvimentos no “relatório final do Seminário de Geomorfologia, do Curso de Mestrado em Geografia Física e Regional da Universidade de Lisboa, onde apresentou um trabalho sobre “*As bacias hidrográficas do rio Alvoco e da ribeira de Pomares*”, e prolongou-se até hoje.

Dividida em 5 capítulos - 1. *Quadro Morfo-Estrutural*; 2. *Formas do Relevo*, 3. *Depósitos de Cobertura*; 4. *Hidroclimatologia, principal causa da morfogénese e da evolução recente e atual das vertentes* e 5. *Intervenção Antrópica e Alteração dos Ecossistemas*, e citando as palavras do seu autor, “*Esta dissertação visa contribuir para o conhecimento geomorfológico e geoecológico das Serras de Xisto do sector ocidental da Cordilheira Central Portuguesa*”, as quais, do ponto de vista administrativo “*se desenvolvem pelos distritos de Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Santarém*” (p. 55).

Apesar de não ser visível na estrutura da obra, o autor subdivide a sua investigação em 2 partes, sendo a 1ª, constituída pelos 3 primeiros capítulos, dedicada à análise geomorfológica, e a 2ª, constituída pelos 2 últimos capítulos, “*em que há mais preocupações de*

quantificação, aparece mais voltada para o ambiente e denota preocupações mais geológicas” (p. 15).

Esta divisão pretende demonstrar as relações inexoráveis entre o homem e a natureza e a necessidade absoluta de gerar consensos e de buscar equilíbrios.

Deste modo, o autor ilustrou o seu perfil de Geógrafo adotando uma metodologia que, a par do trabalho de gabinete e de laboratório, tem no campo o seu trabalho científico de maior envergadura, permitindo interligar diversas variáveis de natureza distinta, nomeadamente a física, a humana, a económica e a administrativa, ilustradas por uma coleção, rica e diversificada, de figuras e fotografias do terreno que permitem uma visualização clara da extensão da superfície estudada.

O Capítulo 1 (p. 59 - 128) é dedicado ao estudo do *Quadro Morfo-Estrutural* da área geográfica objeto do estudo, constituída por rochas xistosas, de origem metamórfica (metamorfismo regional e, nas proximidades dos granitos, também por metamorfismo de contacto), com estrutura foliácea e grão fino, cuja formação resulta da consolidação de magmas e deve-se, essencialmente, “à atuação das forças tectónicas” (p. 85). Assim e de acordo com o autor, “Deste modo, o conjunto das Serras de Xisto pode ser dividido em três unidades morfo-estruturais – Serras Setentrionais, Fosso do médio Zêzere e Serras Meridionais” (p. 127).

O Capítulo 2 (p. 129 - 212) aprofunda os estudos desenvolvidos anteriormente por Suzanne Daveau e por Orlando Ribeiro que “foi o autor que mais estudos dedicou à área serrana, tendo-se ocupado particularmente da morfologia da Beira Baixa” (p. 86), e debruça-se sobre o estudo das *Formas do Relevo* através da realização de “um trabalho de síntese sobre todas as Serras de Xisto da Cordilheira Central Portuguesa” (p. 130), onde o Xisto convive, por vezes, com o Granito, com os Quartzitos, etc. e onde o autor nos dá a mostrar algumas quedas de água de beleza inestimável (p. 202-207).

O Capítulo 3 (p. 213 - 321), analisa os *Depósitos de Cobertura*, com o objetivo de caracterizar, e passo a citar, “os principais tipos de depósitos de vertente existentes nas Serras de Xisto, não só com vista ao estabelecimento da sua tipologia, mas também, na medida do possível, à determinação das condições de deposição e da sua provável sucessão no tempo” (p. 214).

Ora, e tal como é salientado pelo autor, o cumprimento deste objetivo foi muitas vezes dificultado pelo mato que estorvava o reconhecimento do terreno, pelo que a investigação desenvolvida se restringiu ao estudo de dois grandes tipos de depósitos nos xistos - designados por depósitos vermelhos (de matriz predominantemente areno-argilosa) e depósitos de patelas, de plaquetas ou de “pevides” de xisto (essencialmente cascalhentos e predominantes nesta região), “consoante os processos predominantes na sua

gênese. Um deles, em que teriam predominado processos solifluxivos não periglaciares e o outro, de características marcadamente periglaciares” (p.216; 223).

O Capítulo 4 (p. 323 - 405), dedica-se ao estudo da *Hidroclimatologia, principal causa da Morfogénese e da evolução recente e atual das vertentes*, destacando o papel crucial da presença de água, e do seu escoamento em cada uma das bacias hidrográficas das serras de Xisto, para a erosão hídrica e para os movimentos em massa, que influenciam substancialmente a morfodinâmica das vertentes. Assim, e concomitantemente, é dada uma atenção particular às condições climáticas, nomeadamente a temperatura do ar e a precipitação (quantidade e números de dias), relevando o progressivo aquecimento global desde meados do século XIX, sobretudo a partir de 1940, e que diminuiu substancialmente a formação de neve nesta região serrana.

Conclui-se que, e passo a citar “as vertentes encontram-se num equilíbrio dinâmico muito frágil, em que as condições naturais só por si raramente são capazes de produzir modificações profundas. No entanto, o ser humano,foi alterando o perfil das vertentes, tendo acelerado a sua evolução, a qual, por vezes, chegou a ser catastrófica” (p. 405).

O 5º e último Capítulo (p. 407 - 530) dedica-se ao estudo da *Intervenção antrópica e alteração dos Ecossistemas*, o que o autor denomina de “humanização da paisagem natural” e que se traduz:

- Na destruição da vegetação autóctone (urze, carqueja, tojo, giesta);
- Na introdução de culturas como a do milho, nas poucas terras aráveis, o que alterava substancialmente o perfil dos vales e das encostas e conduzia a uma reduzida produtividade da agricultura - (de sobrevivência e constituída por 3 tipos de campos - cavadas, quelhadas ou quelhórios e varjas ou várzeas), a uma associação à floresta - (pois, para além de servir para o gado miúdo se alimentar, permitia a venda da resina e, em casos extremos, o abate de árvores para vender) e à pastorícia - (consumiam o leite e vendiam a carne e o queijo);
- E que, em última instância, e por questões de sobrevivência, originou o êxodo rural, sobretudo a partir dos anos 60, com o elevado surto migratório da população beirã (da região do Pinhal Interior), para a capital (Lisboa) e para a África, América e Europa Centro-Occidental, mantendo a relação com as suas origens através dos jornais regionais.

Esta conclusão foi retirada pelo autor através de uma busca minuciosa do catálogo da BGUC e que conduziu à elaboração de uma tabela dos Periódicos publicados nos 12 concelhos das Serras de Xisto (Alvaiázere, Ansião,

Arganil, Figueiró dos Vinhos, Lousã, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Penela, Tábua, Vila Nova de Poiares, Proença-a-Nova e Sertão).

Ora, todos estes concelhos da Região Centro fizeram parte do estudo empírico desenvolvido na minha Tese de Doutoramento, embora numa área científica bastante diferente, daí a ligação afetiva e a familiaridade sentida ao calcorrear este trabalho de investigação, mormente porque tivemos a oportunidade de verificar, *in loco*, o progressivo abandono da agricultura e o aumento da floresta, na quase totalidade votada ao abandono.

Assim, se o “grito de alerta” dado pelo autor na p. 431-432 da sua tese de doutoramento tivesse sido ouvido, talvez não fossem ceifadas recentemente tantas vidas e passo a citar:

“O futuro das Serras de Xisto passa, quanto a nós, pela exploração florestal... Com efeito, tanto o absentismo de muitos proprietários em relação à sua floresta, como a exígua dimensão de muitas parcelas, constituem óbices difíceis de superar, acrescidos do facto da população residente nas áreas florestais ser, em geral, uma população idosa, já sem grandes possibilidades de intervenção direta na floresta.

Por outro lado, grande parte dos proprietários reside fora da área serrana, sobretudo na área da Grande Lisboa e noutras cidades do litoral ou no estrangeiro, pelo que é difícil encontrá-los para discutir com eles formas alternativas tendentes a superar a atual situação... caminhamos a passos largos para a proliferação dos incultos ou para a alteração do ecossistema, através da introdução de espécies arbóreas com crescimento mais rápido, para reduzir a probabilidade de serem afetadas pelos incêndios, e que, além disso, se possam autorregenerar, por rebentamento de toija, para que, no caso de virem a ser afetadas por incêndios, não haja necessidade de as replantar” (p. 431-432).

Concomitantemente, e reconhecendo a importância crucial deste tema para modificar a paisagem serrana, o autor decidiu dedicar-lhe uma especial atenção, através da abertura de um “sub-capítulo” (p. 442 - 468), sobre o “Impacte ambiental dos incêndios florestais”, onde estuda, entre muitas outras coisas, as “Condições físicas mais favoráveis à ocorrência e desenvolvimento de incêndios florestais” (p. 445).

Em jeito de conclusão Luciano Lourenço escreveu, em 1996, que “Atualmente, são os incêndios florestais ‘provocados ou involuntários’, resultantes do ‘manejo do fogo pelo homem’, que mais contribuem para modificar a paisagem serrana” (p. 442).

E vai mais longe, afirmando que, e passo a citar:

“Perante a dimensão e a gravidade que este problema assumiu nos últimos anos, impõe-se a tomada de medidas concretas que visem a sua substancial redução. As terapias a aplicar são conhecidas dos técnicos, mas a definição das mais adequadas, porque envolvem custos financeiros elevados e porque implicam reformulação de alguns aspetos legislativos, passando pela eventual promulgação de uma lei de bases para o sector florestal, passa pela tomada de decisões políticas, as quais, porque implicam custos políticos, têm vindo a ser sistematicamente adiadas” (p. 449).

Ora, será que 2018 vai ser o ano em que Luciano Lourenço vai ser ouvido e que o seu trabalho de investigação vai, finalmente, ser reconhecido “fora dos muros geográficos” da academia?

Esperemos que esta publicação contribua para reduzir substancialmente esta catástrofe que, e como nos foi dado a verificar muito recentemente, assola particularmente a Região Centro de Portugal, em particular a Sub-Região do Pinhal Interior Norte.

Para finalizar a apresentação desta obra, que considero de interesse capital para o desenvolvimento da Geografia de Portugal, gostaria também de realçar o seu caráter pedagógico, dado que no final de cada capítulo é feita uma breve síntese, de forma a chamar a atenção do leitor para os seus pontos principais, evitando uma leitura monótona e desinteressante do longo texto.

Assim, esta preocupação com o estudo do território português, em particular da sua região Centro, paralelamente à atenção e dedicação permanente à investigação científica e à componente pedagógica da sua atividade docente, faz do seu autor uma referência académica a nível nacional e internacional, para além de dignificar a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pelas qualidades do Ser Humano que há longos anos contribui para a excelência do seu desempenho.